

# Garotinho sonha mudar a legenda e disputar Planalto

**Idéia de modernizar o partido e acabar com dogmas pode agravar briga com Brizola**

**R**IO — Após trocar farpas com o presidente nacional do PDT, Leonel Brizola, durante a semana passada, o governador do Rio, Anthony Garotinho, prepara-se para abrir nova frente de conflito com o líder máximo do trabalhismo. A semelhança dos líderes social-democratas europeus, o chefe do Executivo fluminense prepara-se para lançar a bandeira da modernização do seu partido. Isso significa derrubar dogmas da legenda — e de Brizola — e abrir espaço para a economia de mercado, o capital estrangeiro e a democracia interna. Para ele, um processo inevitável para que a legenda sobreviva.

“Um partido que não dá espaço ao debate está fadado ao fim”, diz Garotinho. Sem negar a condição de candidato à Presidência, ele diz que ainda não está movimentando-se pela candidatura, o que só fará após 2000. O governador é duro quando fala do deputado petista Carlos Santana, agora um adversário, e também quando se refere a Brizola, chefe do petismo. “Ser leal não é ser submisso”, diz, condenando a suposta mistura, por Brizola, entre divergências políticas e questões pessoais. O governador cobra de Brizola o que ele lhe exigiu: humildade.

**Estado — Quando o senhor acusou o PT do deputado Carlos Santana de “partido da boquinha”, não estava implodindo a aliança nacional?**

**Anthony Garotinho —** Agüentei durante muitos meses, as agressões que esse grupo do PT me fazia. Chegou um momento em que não era possível suportar mais a dubiedade que se estabeleceu. O deputado Carlos Santana jogava para fora com uma postura crítica ao governo, querendo agradar à corrente radical do Refazendo e, nas reuniões comigo, procurava manter os cargos que tinha no governo.

**Estado — A candidatura da vice-governadora Benedita da Silva à prefeitura do Rio não acabou inviabilizada?**

**Garotinho —** Ela nunca contou com o Carlos Santana. Já havia perdido o diretório municipal. Minhas declarações não mudaram os rumos da convenção do PT. Esses rumos já haviam sido praticamente sacramentados na convenção municipal.

**Estado — Sua atitude nesse episódio foi interpretada como movimentação em favor de sua candidatura à Presidência, numa tentativa de apresentar-se como um político sem radicalismos, longe do PT. É isso?**

**Garotinho —** Estou tão envolvido nas questões da administração do Rio que só quero tratar desse assunto de Presidência após as eleições de 2000.

**Estado — Os partidos de esquerda têm afirmado que seu nome é uma possibilidade.**

**Garotinho —** Não nego que queira ser candidato, mas nego, veementemente, que já esteja fazendo campanha ou me movendo na direção da candidatura.

**Estado — O senhor começou em conflito com uma facção do PT, só que a coisa está**

**se alastrando e virando um conflito com o presidente do PDT, Leonel Brizola...**

**Garotinho —** Brizola tem muitas qualidades, que são reconhecidas, mas há uma confusão entre lealdade e submissão. Ser leal não é ser submisso. Tenho o direito de discordar dele, tenho o dever de discordar quando acho que as coisas não estão sendo encaminhadas corretamente. Fiz assim na questão da renúncia do presidente Fernando Henrique, quando disse a ele que, no regime presidencialista, o ato de renunciar é unilateral. Não existe essa figura, como no parlamentarismo. Então, estranhei muito a conduta pacificadora de Brizola e entendi, quando ele recebeu o Carlos Santana em sua casa, como uma provocação a mim. Por quê? Dias antes, no horário gratuito do PDT, ele fez duras críticas a Lula. Disse que Lula tinha se descredenciado para ser candidato a



O governador fluminense: “Ser leal não é ser submisso”

**“Sim, eu não nego que queira ser candidato, mas nego, veementemente, que já esteja fazendo campanha ou me movendo na direção da candidatura”**

**“Imagine se todos os descontentes com um ou outro ato meu, com o governo, forem reclamar na casa do ex-governador Brizola...”**

presidente da República, depois que se sentou com o senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA). Dias depois, no momento em que eu entro em um embate com uma parte do PT, muito localizado, ele vai e resolve receber, sem me dar sequer um telefonema, aquele que na convenção tinha dito as maiores barbaridades a meu respeito. Entendi isso como provocação a mim. Brizola é a liderança política do partido, mas é preciso separar a liderança política da questão administrativa. A questão administrativa é exercida pelo governador do Estado.

**Estado — Nos discursos, o ex-governador gosta de falar de uma espécie de linhagem do trabalhismo: Getúlio Vargas, João Goulart, ele próprio... O senhor se considera o continuador dessa linhagem, de defesa das bandeiras trabalhistas e nacionalistas?**

**“As DOCTRINAS DO TRABALHISMO TÊM DE SER ADAPTADAS”**

**Garotinho —** O trabalhismo é uma doutrina muito importante na história do Brasil, talvez a doutrina genuinamente brasileira. Todas as doutrinas, porém, têm de ser adaptadas ao momento histórico, guardando as suas características principais e acompanhando as mudanças do mundo e da sociedade. Estou terminando uma tese que vou apresentar quando houver oportunidade, chamada “O Novo Trabalho”, com minha visão a respeito dessas idéias.

**Estado — Como é essa tese?**  
**Garotinho —** Ela é dividida, na verdade, em vários pontos. O primeiro é a democracia partidária. Um partido que não tem movimento interno, que não dá espaço para o debate e para a opinião divergente, é um partido fadado ao fim...

**Estado — É o caso do PDT?**

**Garotinho —** Não quero en-

trar nessa questão. Desenvolvo uma teoria sobre a reorganização partidária e sugiro uma nova forma de organização para o partido. A segunda é a questão do conceito de mercado. Não quero discutir mais se o mercado deve existir ou não — o mercado existe e não depende da minha vontade. É um fenômeno, como a televisão e a Internet. Você pode até não usar, mas não vão deixar de existir por isso. Defendo que nós devemos assimilar o mercado e humanizá-lo. A terceira é a nossa inserção na economia internacional. Não podemos pregar o isolamento do País, mas a abertura, da forma como foi feita, sem pré-condições, deixou a empresa nacional em situação difícil.

**Estado — Isso é conversa de candidato a presidente da República...**

**Garotinho —** Absolutamente. É conversa de quem pensa o Brasil.

**Estado — O senhor pretende tomar a iniciativa de ligar para Brizola, encerrar as divergências e fazer as pazes?**

**Garotinho —** Olha, eu me senti agredido. Eu não agredi. A única coisa que eu disse a respeito do dr. Leonel Brizola é que ele não estava autorizado a negociar a volta do grupo do Carlos Santana a meu governo, porque o governador sou eu. Quem foi agredido o tempo inteiro com palavras, com insinuações, com ofensas pessoais, sendo chamado de arrogante, de prepotente, de despreparado, fui eu. Então, ao contrário, o Brizola agride e se passa por vítima. Eu espero que ele tenha a humildade de pegar o telefone, ligar para mim e dizer: “Eu não agi como deveria ter agido.” A humildade que ele me exige cabe a ele ter.

**Estado — O episódio da crise com o PT e o PDT, em sua opinião, está encerrado? Para onde vai isso, nos próximos dias, já que o PT exige a saída dos secretários do seu governo?**

**Garotinho —** Eu quero deixar claro, mais uma vez, que não há crise no governo do Estado do Rio. A crise é no PT e, agora, no PDT. No meu governo, não há. O governo vai muito bem, obrigado. Com centenas de projetos em andamento e com excelente índice de aprovação. Então, a crise dos partidos tem de ser resolvida pelos partidos.

**Estado — O senhor está magoado com Brizola?**

**Garotinho —** Eu estou um pouco decepcionado. Magoado é para relacionamento entre pessoas que se amam, do ponto de vista pessoal. Eu estou decepcionado. (W.T.)